

Celebridades da Música Pop

nas crônicas
de Moacyr
Scliar



Lemuel de Faria Diniz
Renata dos Santos de Freitas

Celebridades da Música Pop

nas crônicas
de Moacyr
Scliar





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL**

Reitora

Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo

Vice-Reitor

Albert Schiaveto de Souza

Obra aprovada pelo

CONSELHO EDITORIAL DA UFMS

Resolução nº 357-COED/AGECOM/UFMS,

26 de junho de 2026.

CONSELHO EDITORIAL

Rose Mara Pinheiro (presidente)

Adriane Angélica Farias Santos Lopes de Queiroz

Alleisa Ferreira Riquelme

Andrés Batista Cheung

Antonio Pancrácio de Souza

Cid Naudi Silva Campos

Elizabeth Aparecida Marques

Maria Lígia Rodrigues Macedo

Marlei Sigris

Ronaldo José Moraca

William Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Diretoria de Bibliotecas – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)

Diniz, Lemuel de Faria.

Celebridades da música pop [recurso eletrônico] : nas crônicas de Moacyr Scliar /
Lemuel de Faria Diniz, Renata dos Santos de Freitas. – Campo Grande, MS : Ed.
UFMS, 2026.

36 p. ; il. (algumas color.)

Dados de acesso: <https://repositorio.ufms.br>

Bibliografia: p. 33-35

ISBN 978-85-7613-818-1

1. Música popular. 2. Música na literatura. 3. Crônicas brasileiras. 4. Cultura popular.
5. Moacyr Scliar, 1937-2011 – Crítica e interpretação. I. Freitas, Renata dos Santos.
- II. Título.

CDD (23) 869.93

Bibliotecário responsável: Valdeir da Silva Severino – CRB 1/3.044

Celebridades da Música Pop

nas crônicas
de Moacyr
Scliar

Lemuel de Faria Diniz
Renata dos Santos de Freitas

Campo Grande-MS
2026



© organizador

Lemuel de Faria Diniz

Renata dos Santos de Freitas

1ª edição: 2026

Preparação do texto, Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica

Secretaria da Editora UFMS

Revisão

A revisão linguística e ortográfica é de responsabilidade dos autores

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

As opiniões e os conteúdos expressos neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não refletem, necessariamente, a opinião do corpo editorial.

Direitos exclusivos para esta edição



Secretaria da Editora UFMS - SEDIT/AGECOM/UFMS

Av. Costa e Silva, s/n° - Bairro Universitário

Campo Grande - MS, 79070-900

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Fone: (67) 3345-7205

e-mail: sedit.agecom@ufms.br

Editora associada à



ISBN: 978-85-7613-818-1

Versão digital: 26 Junho de 2026.

Apoio:



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL

Edital UFMS/AGECOM nº 05/2025

Seleção de propostas de materiais de divulgação técnico-científica para publicação pela Editora UFMS - Fluxo Contínuo.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons - Atribuição Não Comercial - Compartilhamento 4.0 Internacional. Esta licença permite o download e o compartilhamento da obra desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), sem a possibilidade de utilizá-la para fins comerciais, se você remixar, transformar ou criar a partir do material, deve distribuir as suas contribuições sob a mesma licença que o original. br.creativecommons.org

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1	11
Madonna e Outras Beldades	
CAPÍTULO 2	18
Michael Jackson	
CAPÍTULO 3	23
Lenny Kravitz	
CAPÍTULO 4	25
Outros Artistas Pop	
CAPÍTULO 5	31
Considerações Finais	
REFERÊNCIAS	33
SOBRE OS AUTORES	36

INTRODUÇÃO

No conjunto da produção literária de Moacyr Scliar (1937-2011) figuram mais de setenta livros de gêneros diferenciados, tais como romances, ensaios, crônicas, ficções infanto-juvenis e contos. O escritor gaúcho teve suas obras publicadas em mais de vinte nações e foi reconhecido quatro vezes com o “Prêmio Jabuti” (em 1988, 1993, 2000 e 2009), respectivamente, pelas obras *O olho enigmático* (categoria Contos), *Sonhos tropicais* (categoria Romance), *A mulher que escreveu a Bíblia* (categoria Romance) e *Manual da paixão solitária* (categoria Romance, também escolhida obra de Ficção do Ano). Além de colaborador em vários órgãos da imprensa no país, como a *Folha de São Paulo* e o *Jornal Zero Hora* (RS), Scliar foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 2003.

Conforme Regina Zilberman, a obra de Scliar é perpassada por duas influências: uma é sua condição de filho de emigrantes; a outra é a sua formação como médico de saúde pública, porta de entrada para a realidade social brasileira (Zilberman, 2012). Em outra análise sobre a obra de Scliar, Zilberman destaca que o escritor porto-alegrense é autor da tese de doutorado *Da Bíblia à psicanálise: saúde, doença e medicina na cultura judaica* (1999) (Zilberman, 2013, p. 10).



Figura 1. Moacyr Scliar
Fonte: Wikimedia Commons.

Um olhar panorâmico sobre o conjunto das crônicas de Scliar revela que pouco foi escrito sobre música e muito menos sobre as celebridades da música pop. Mas vale a pena o exercício de situar a música no contexto da sua produção literária.

Há os momentos em que Scliar evidencia aspectos do Rio Grande do Sul a partir da referência à música. Com um viés saudosista, Scliar lembra a trajetória de Kleiton & Kledir, por eles serem intérpretes “do hino máximo da nostalgia” porto-alegrense. A canção *Deu pra ti* “evoca uma época em que a juventude porto-alegrense viajava muito - no mínimo para ir a Garopaba, no litoral catarinense, um lugar que representava o ideal da liberdade, da cuca fresca” e posteriormente foi imortalizada num filme homônimo que exibiu a relação dos bares mais famosos da cidade (Scliar, 2000, p. 112-113; Scliar, 1984, p. 89-93). Aliás, essa questão da liberdade é percebida em muitas crônicas, como em “Os namorados da filha” (Scliar, 2005, p. 205-206).

Em relação à cultura de seu Estado, Scliar lista músicos que contribuíram para valorizar o seu chão. Nesse sentido, são lembrados tanto os artistas como os nomes das canções que mais se tornaram famosas:

José Fogaça é atrelado ao seu sucesso *Porto Alegre é demais*; Luiz Coronel e Hermes Fonseca por *Porto Alegre, Porto Alegre*; e Bebeto Alves por *Pegadas* (Scliar, 2000, p. 112). Scliar costuma mostrar entusiasmo quando um artista consegue projeção além do contexto regional: Lupicínio Rodrigues, “talvez o mais conhecido compositor gaúcho”, “animava muito a noite porto-alegrense, mas só se tornou conhecido fora do estado quando Elis Regina, Caetano Veloso e João Gilberto gravaram suas músicas”. Nesse contexto, é bom lembrar que Lupicínio é o artista que Scliar mais traz informações biográficas, registrando detalhes como o seu bairro de origem e o seu apelido (Lupi) (Scliar, 2000, p. 113).

Eventualmente, o escritor vale-se da música para lembrar o machismo impregnado na cultura gaúcha, como quando cita parte da letra de Lupicínio Rodrigues: “Amigo, boleia a perna [...] / Foi bom você ter chegado / eu tinha de lhe falar / um gaúcho apaixonado / precisa desabafar:”. E mais adiante: “chinoca fugiu de casa / com meu amigo João / bem diz que mulher tem asa / na ponta do coração” (Scliar, 2000, p. 113).

Existem os textos nos quais o escritor demonstra as relações entre pais e filhos de uma maneira lamentável. Na crônica “Zap”, o narrador é um adolescente de treze anos que passa os dias trocando de canal na televisão com o controle remoto, um hábito que sua mãe critica. Durante uma dessas trocas, ele se depara com uma entrevista de um roqueiro envelhecido — seu pai, que abandonou a família quando ele era bebê. Na entrevista, o pai justifica sua ausência dizendo que precisou escolher entre a família e o rock. Quando questionado se seu filho gosta de rock, ele demonstra desconforto e não sabe responder. O filho, observando a cena, muda de canal imediatamente, sem hesitar (Scliar, 2010, p. 87-89).

Numa direção oposta, “A banda na garagem” traz um pai que se esforça em apoiar seu filho no sonho de se tornar um músico famoso. No início esse suporte é fácil para o pai, pois basta ele ceder a garagem da sua casa para o filho e sua banda ensaiarem. O genitor não tinha

carro. Mas, ao ser contemplado com um veículo numa rifa, o pai precisa guardá-lo na garagem. Surge, então, um dilema que é resolvido com diálogo e com a decisão de a garagem acomodar tanto o carro como a banda. Com o tempo, surge a ideia de “combinar o som do motor [do carro] com os instrumentos musicais”, resultando num sucesso de público. Os integrantes da banda “são considerados os pioneiros em um novo movimento, o da música motorizada”. O pai cede o veículo para o filho e sua banda, mas não fica triste. Sua alegria é a de seu filho (Scliar, 2014, p. 8).

Um texto semelhante à crônica acima é “Tapando o nariz”. Nele, Scliar também explica a produção de sons musicais de uma forma inusitada e faz uso do seu humor habitual para trazer ao leitor reflexões acerca das flatulências. Numa abordagem que traz majoritariamente informações da perspectiva médica, na metade da crônica o escritor insere um pouco da sua verve humorística para lembrar a situação vivenciada pelo francês Joseph Le Pétomane:

Nascido em 1857, este marselhês desenvolveu a incrível habilidade de modular, por assim dizer, os sons dos gases que expelia, de modo a fazer música. Foi contratado pelo Moulin Rouge, de Paris, e ganhou muito dinheiro exibindo-se em público. Era um contrato exclusivo, que Joseph perdeu quando fez uma exibição gratuita no bar de uma senhora para ajudá-la em suas dificuldades financeiras. O empresário não queria saber de caridade; gás, só no Moulin Rouge (Scliar, 2001, p. 18).



Figura 2. Joseph Le Pétomane

Fonte: Wikimedia Commons.

Kleiton & Kledir e Lupicínio Rodrigues são importantes nomes da música popular brasileira, mas não se enquadram exatamente no gênero pop. Lupicínio destacou-se no samba-canção, enquanto Kleiton & Kledir se aproximam da MPB e do rock leve. Embora sejam artistas populares e conhecidos, sua obra pertence mais à tradição da música brasileira do que à estética pop contemporânea.

A estética pop contemporânea na música caracteriza-se pela fusão de estilos, pela influência das tecnologias digitais e pela forte integração entre som, imagem e performance. O pop atual mistura gêneros diversos — como eletrônica, hip-hop, funk, R&B e reggaeton —, criando uma sonoridade híbrida e globalizada. As produções dependem intensamente de recursos tecnológicos, como autotune, sintetizadores e plataformas digitais, que determinam tanto a forma de produção quanto o modo de consumo musical. Além disso, a dimensão visual tornou-se indispensável: videocliques, figurinos, coreografias e redes sociais compõem a identidade estética dos artistas. Essa estética reflete uma cul-

tura marcada pela espetacularização, pela diversidade e pela constante negociação entre arte e indústria, em que o artista é simultaneamente produto comercial e expressão simbólica de seu tempo (Barreto, 2005).

Uns dos poucos artistas pop que são mencionados nas crônicas scliarianas são os *Mamonas Assassinas*. No texto “Os adolescentes e a solidão”, o escritor relata a iniciativa de uma professora: perguntar aos seus alunos adolescentes o que seria a solidão. Considerando o sucesso musical da época e a influência da banda, Scliar anota: “as respostas são interessantes, porque falam muito sobre os jovens contemporâneos do *Mamonas Assassinas*” (Scliar, 1996, p. 28). Há apenas a menção à banda, não havendo nenhuma problematização. Scliar é autor de muitos textos nos quais demonstra a sua preocupação para com a qualidade da educação e é de se espantar por que a alusão à banda brasileira não se mostra conjugada com uma ideia ou uma proposta vigorosa.

Essas informações iniciais são importantes para demonstrar algumas das temáticas presentes na cronística de Scliar, como hábitos dos jovens porto-alegrenses e a demarcação do machismo. Essas explicações serão retomadas nas análises das próximas crônicas. Os textos mencionados até aqui estão presentes em livros impressos, mas a maioria das crônicas que trazem celebridades da música pop estão publicados em sites como da *Academia Brasileira de Letras*, do *Jornal Zero Hora* e do *Correio Braziliense*, veículos com os quais Scliar contribuía regularmente. Por isso, esse livro tanto contribuirá para preencher uma lacuna de pesquisa como também trará o resultado de pesquisas digitais que reuniram textos scliarianos dispersos no universo digital.

CAPÍTULO 1

Madonna e Outras Beldades

Nos textos de Scliar, Madonna (1958) aparece como uma celebridade, de muita fama e muito sucesso com seus fãs. Em “Madonna e a Cabala” (2008) ele registra que a turnê dela era “mais esperada que a de Frank Sinatra” e ela, “que durante anos prometeu vir ao Brasil (e no final veio mesmo)”, consubstanciando “a glória dos veteranos”. Nessa crônica, a artista é elencada ao lado de Britney Spears (1981) e de Lisa Marie Presley (1968-2023) - ambas cantoras e compositoras estadunidenses - como as mais novas adeptas da Cabala, corrente mística judaica que inclui uma peculiar concepção do universo e uma curiosa numerologia, baseada no fato de que, no hebraico antigo, havia uma correspondência entre letras e números.

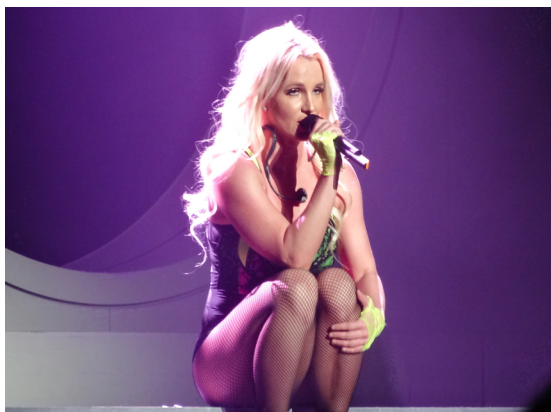


Figura 3. Britney Spears
Fonte: Wikimedia Commons.

Scliar atribui a adesão à Cabala pela “insegurança quanto ao futuro — quem hoje está por cima amanhã pode estar por baixo, quem hoje faz manchetes amanhã talvez esteja olvidado — [o que] faz com que pop stars agarrem-se a qualquer crença, a qualquer guru” (Scliar, 2008). Essa percepção do escritor se coaduna com a sua postura cética em relação às demais crenças de cunho religioso e/ou místico. Mesmo sendo judeu, Scliar costuma posicionar-se como apenas um leitor literário da Bíblia (Zilberman, 2009, p. 117) e, em relação à astrologia, “ela foi simplesmente uma interpretação mágico-religiosa passageira sobre os males humanos. Hoje [...] não acho que tenha importância para as pessoas. Também não acredito que sirva como base para o autoconhecimento”, pois “ninguém tem necessidade de olhar para cima e ver os astros para se autoconhecer” (Scliar, 2003, p. 57).

O escritor gaúcho também mantém um olhar de distanciamento em outros textos, como “A indústria das dietas”, quando discorre sobre os modismos das propostas para emagrecer: “Para começar, dieta deve ter um nome, uma marca registrada - com apelo. Por exemplo, deve evocar um lugar elegante, sofisticado, como a Califórnia. É o caso da dieta de Beverly Hills, [...], ou melhor ainda, da dieta de Hollywood” (Scliar, 2005, p. 86).

O alcance mundial de Madonna viabilizou ao escritor gaúcho construir um texto por meio do qual revisitasse uma das suas temáticas recorrentes - as condições desfavoráveis vivenciadas pelas mulheres em seus relacionamentos amorosos.

Desse modo, a crônica “O amante da Madonna” apresenta um diálogo entre um homem e sua esposa durante o café da manhã. O marido constrói uma fantasia elaborada na qual a cantora Madonna viria à cidade, ele consertaria o cenário de seu show, ela se apaixonaria por ele e se tornaria sua amante. A cada etapa da história, ele pergunta à mulher se ela acha aquilo impossível, e ela responde calmamente “não acho”, enquanto serve o café e o pão.

No final, o homem se irrita, afirmando que ela sempre o vê como um “pobretão” e um “fracassado”, e que com uma mulher como ela ele nunca poderá “subir na vida”. A mulher, impassível, apenas pede que ele tome o café, pois ela tem mais o que fazer. Ele, então, fica imóvel, pensando em colocar um retrato da Madonna no quarto, com uma moldura que ele mesmo faria.

Antes de se chegar ao final, é importante destacar certas situações vivenciadas pelo casal. Subentende-se que, se a esposa contestasse seu marido, poderia ser vítima de alguma forma de violência física, pois num dado momento se lê: “a voz dele agora começava a se alterar” (Scliar, 2010, p. 124). O marido demonstra ter uma visão muito superior de si mesmo, pois se considera um “cara musculoso, simpático”, um excelente carpinteiro, capaz de arrumar um cenário em cinco minutos. A esposa se mostra sempre submissa, prestativa, procurando agradar seu cônjuge, o que fica evidenciado quando “ela colocou na xícara dele café e depois leite, bastante café e pouco leite, como ele gostava” (Scliar, 2010, p. 124). “Ela não estava a fim de discutir”. Apesar disso, sofria violência verbal ao ser chamada de “burra”. Seu marido a interroga: “Você não lê jornal, não ouve rádio, nem tevê assiste”. “A propósito, você sabe quem é a Madonna?” (Scliar, 2010, p. 123). Prontamente, a esposa responde que conhece a artista, e - numa conjectura - talvez com ela se identificasse, haja vista que, desde o início da sua carreira, Madonna procurou demonstrar autenticidade, associando-se com o público marginalizado (mulheres, negros, latinos, gays), conferindo legitimidade cultural (Barreto, 2005).

Se quisesse, ela teria muitos argumentos para interpelar seu marido, pois apesar de ela reconhecê-lo como “um bom carpinteiro”, eles moravam numa cidade “pequena e sem importância” e o café era servido numa “velha cafeteira”. A própria pergunta do carpinteiro à esposa já sugere a presença de limitações financeiras: “Você acha impossível eu ir a um show da Madonna?” (Scliar, 2010, p. 123, 124).

A maneira pela qual a esposa reage às humilhações do marido contrasta significativamente com o modo com que a artista Madonna costuma se portar. Na sua tese sobre a trajetória de Madonna, Barreto destaca o protagonismo indiscutível dela, já que “prevalece atualmente a imagem de Madonna como *self-made woman*, uma artista que fabricou a si mesma, [...] considerada uma artista de posse do controle criativo” (Barreto, 2005, p. 164). Isso não quer dizer apenas que ela alcançou sucesso sem ajuda, mas que construiu ativamente sua carreira e sua persona pública, assumindo funções que iam muito além de cantar.



Figura 4. Madonna
Fonte: Wikimedia Commons.

Como o termo *self-made woman* ressignifica a expressão tradicional *self-made man* (típica da cultura empresarial americana), nota-se que Madonna vai demarcando o empoderamento feminino. Apresentando-se como alguém que fabricou a si mesma, Madonna empreendeu cada fase da carreira por uma reinvenção visual e conceitual planejada: da “virgem provocadora” (*Like a Virgin*) à mística religiosa (*Like a Prayer*) e à dominatrix futurista (*Human Nature*). Esse controle de Madonna sobre sua sexualidade está entranhada na sociedade: na crônica a artista

é descrita como “um tesão de mulher”, e, em sua imaginação, o carpinteiro afirma que após o show ela não hesitaria em convidá-lo para ir ao seu camarim, onde ela se atiraria em seus braços (Scliar, 2010, p. 124).

Para Barreto (2005), esse comportamento de Madonna em seus videoclipes está associado ao projeto artístico de enfatizar a sexualidade e a provocação de tabus na reinvenção do feminino. Nessa perspectiva, se o quisesse, Scliar poderia tecer reflexões sobre as nuances relacionadas à sexualidade de Madonna, mas isso seria dispensável por ele já ter abordado a temática em outros textos, nos quais destaca que “a vida sexual passou a ser condicionada pela cultura”, “pessoas transformam o sexo em uma fonte inesgotável de emoções, e também de mitos” e, concordando com o médico Jean-Martin Charcot (1825-1893), “é sempre a coisa genital” (Scliar, 2005, p. 108, 122-123).

Embora a crônica de Scliar foque mais no diálogo do casal do que nas ações de Madonna, observa-se que ela tem um perfil de domínio, pois com o desabamento do cenário quem grita por um carpinteiro não é a artista, mas sim o seu empresário (Scliar, 2010, p. 124). Isso sugere o domínio dela sobre os homens, o que se coaduna com as observações de Barreto ao afirmar que o controle criativo da artista incluía a escolha de diretores para seus videoclipes e de estilistas para antecipar as tendências da moda. Ou seja, o texto de Scliar configura-se numa dupla oportunidade: mostra-se preocupantemente contemporâneo ao relembrar a violência nos casamentos e o potencial imagético de Madonna, artista que figura no polo do feminismo e do protagonismo da própria vida. Nesse sentido, há que se lembrar que, em suas análises sobre a sociedade, Scliar se atenta para conhecer os “mecanismos de poder” e costuma evocar a fala de “Humpty-Dumpty à Alice, aquela do País das Maravilhas: ‘A questão é saber quem manda’” (Scliar, 2005, p. 108).



Figura 5. Madonna - Tears of a clown
Fonte: Wikimedia Commons.

Ao pensar a produção cronística de Scliar em termos teóricos, pode-se ressaltar o seu perfil contemporâneo. À luz dos ensinamentos de Giorgio Agamben, “contemporâneo” não é simplesmente quem escreve no presente, mas aquele que sabe perceber a escuridão do seu tempo e, paradoxalmente, não coincide plenamente com ele (Agamben, 2009). A literatura contemporânea é espectral porque inscreve-se a partir das sombras e das lacunas do presente, onde o passado retorna não como algo pacificado, mas como espectro que inquieta (Agamben, 2010, p. 66-69). Nesse sentido, em “O amante da Madonna” Scliar está escrevendo no presente e sincronicamente percebendo a “escuridão” do seu tempo, ou seja, o que ainda precisa ser revisto na sociedade. Ou seja, a violência verbal sofrida pelas mulheres foi um erro no passado anterior ao texto de Scliar, é um erro no presente no qual ele escreve a crônica e continua sendo uma atitude lastimável nesse tempo que nos escapa.

A mesma *expertise* scliariana pode ser percebida na crônica “Madonna e a Cabala”. Embora nela o escritor não tenha frisado a independência de Madonna poder escolher livremente a sua crença/religião (adesão à Cabala), o leitor crítico pode ativar sua percepção e apreender que essa prerrogativa feminina deve se estender a todas as demais mu-

lheres. Fazendo uso desse raciocínio, o leitor aufere a Scliar o status de escritor contemporâneo no sentido agambeniano.

Olhando para o contexto brasileiro, a crônica “Madonna e a Cabala” faz uma breve menção à Rita Lee (1947-2023), cantora, compositora, apresentadora de televisão e escritora. Conhecida como a “Rainha do rock brasileiro”, no texto Rita é lembrada como participante de um evento favorável e muito positivo: “apesar da crise, um fim-de-ano para ninguém botar defeito: Ronaldo no Corinthians, Roberto Carlos e Rita Lee juntos no palco” (Scliar, 2008). Essa é a primeira frase da crônica e, em seguida, o escritor direciona sua pena para falar de Madonna. Depreende-se que para Scliar foi um momento grandioso dois grandes artistas brasileiros cantarem juntos. Rita Lee é uma das poucas cantoras brasileiras lembradas nos escritos do autor gaúcho - uma outra é Chiquinha Gonzaga, no livro de ensaios *Saturno nos trópicos*. Ao rememorar as mudanças no Carnaval, Scliar assinala: “somente por volta de 1880 os bailes passaram a incluir a versão cantada. A primeira música exclusivamente carnavalesca foi a marcha ‘Ó abre alas’ (1899), de Chiquinha Gonzaga” (Scliar, 2003, p. 208).



Figura 6. Rita Lee
Fonte: Wikimedia Commons.

CAPÍTULO 2

Michael Jackson

Outra celebridade da música pop abordada nos escritos de Scliar é Michael Jackson (1958-2009). Esse cantor, compositor e dançarino norte-americano, apelidado de “Rei do Pop”, é considerado uma das figuras culturais mais expressivas do século XX e um dos maiores artistas da história da música.



Figura 7. Michael Jackson
Fonte: Wikimedia Commons.

Publicada originalmente em 29 de abril de 2000 e compilada no livro *Território da emoção*, “Medicina e racismo” é uma crônica na qual Scliar comenta um caso de um paciente africano acometido pela doença de Addison - condição em que um indivíduo branco fica com a pele escurecida. Estigmatizado, ele precisa carregar “consigo sua certidão de nascimento e vários outros documentos para provar que era branco”.

Nesse contexto, para finalizar seu texto e ter a certeza que o leitor o compreendeu, o escritor gaúcho apela ao conhecidíssimo astro mundial, e afirma: “Em suma: [é] uma história de Michael Jackson (que quis ficar branco) ao contrário” (Scliar, 2013, p. 61-62). Aqui também é possível compreender a menção a Michael como uma função “acessória”, tal como Scliar faz ao apenas listar o cantor Paul McCartney (1942) no rol de canhotos famosos para, em seguida, fazer análises de cunho político (Scliar, 2013, p. 148-149).

Em 2009, no texto “A hora da verdade” Scliar torna a lembrar de Michael, nestes termos:

Sempre achei Michael Jackson esquisito, para dizer o mínimo. Ali estava aquele cantor de enorme sucesso, ganhando uma grana sem tamanho, morando num absurdo lugar chamado Neverland (evocando a Terra do Nunca da história de Peter Pan, o menino que não queria ficar adulto); tentando branquear a própria pele, no que parecia uma tentativa de escapar à própria identidade, e, por último mas não menos importante, suspeito de pedofilia. E aí Michael Jackson morre. A morte é uma comum forma de reabilitação [...] – e de fato, uma espécie de culto começou a surgir em torno da figura do canto (Scliar, 2009).

A crônica apresenta uma reflexão sobre Michael Jackson, inicialmente visto pelo autor como uma figura excêntrica e controversa, marcada por atitudes estranhas e acusações graves. Contudo, após sua morte e com o lançamento do documentário Michael Jackson: *This Is It*, o cronista revê sua percepção. O filme mostra um artista dedicado, perfeccionista e sensível, muito diferente da imagem distorcida pela mídia. Michael surge como um profissional sério e respeitoso, que encontrava no palco seu verdadeiro espaço de expressão e autenticidade. O autor conclui que, enquanto fora do palco o cantor parecia perdido, em cena ele se revelava plenamente, e que essa distinção entre o que somos e o que parecemos ser é uma lição universal.

A crônica propõe uma reflexão sensível sobre a relação entre arte, mídia e identidade. O autor denuncia a forma como a sociedade transforma artistas em produtos, apagando sua humanidade e reduzindo-os a escândalos e estereótipos. Ao reconhecer o verdadeiro valor de Michael Jackson através de sua arte, o texto convida o leitor a repensar o julgamento apressado que muitas vezes fazemos das figuras públicas. Além disso, traz uma crítica à cultura midiática que exige exposição constante, mesmo à custa do bem-estar do indivíduo. No fim, a crônica humaniza Michael Jackson, apresentando-o não como mito ou monstro, mas como um artista autêntico que, apesar de seus conflitos pessoais, buscava a perfeição e a verdade naquilo que sabia fazer melhor: a música e a dança.

Considerando o potencial analítico de Scliar para falar de pessoas famosas, Scliar poderia ter refletido sobre a preocupação excessiva de Michael Jackson para com sua aparência. Um interessante contraponto seria cotejá-lo junto ao “roqueiro Brad Jordan [que] “adotou o apelido do famoso gângster americano, Scarface, Face com Cicatriz” (Scliar, 2005, p. 158).

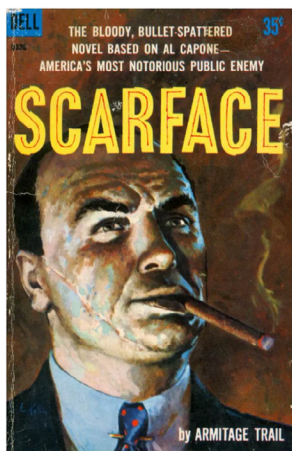


Figura 8. Scarface
Fonte: Wikimedia Commons.

Também seria pertinente comentar os efeitos dos hits de Michael em seus fãs, tal como ele observa no “exemplo eloquente” de Goethe e a constatação de que “respostas emocionais a textos podem ser muito intensos”, pois “o mecanismo básico que aí funciona é o da identificação” (Scliar, 2005, p. 154). A recorrência da solidão em artistas também poderia ser enfocada em relação à vida e obra de MJ, nos moldes do que o escritor faz com famosos em “Literatura e alcoolismo” e em “Literatura como tratamento”, até mesmo porque há “uma convincente associação” “entre temperamento artístico e distúrbio emocional ou mental” (Scliar, 2005, p. 42-44, 155). E o que seria mais interessante seria o escritor fazer uso de seu conhecido humor para comentar o famoso grito de Michael durante suas performances (au!) já que avaliou o grito primal na crônica “Terapia e fantasia”. Depois de expor em detalhes essa modalidade de expressão, “entrei na internet para saber qual a situação atual, verifiquei que Grito Primal agora é o nome de uma banda” (Scliar, 2005, p. 164).

Além dessas possibilidades “perdidas”, Scliar poderia ter explorado o clipe da música “Black or White”, lançada em 1991. Esse material audiovisual contém uma forte mensagem contra o racismo e a discriminação racial. O clipe, dirigido por John Landis, é um dos mais icônicos da carreira do astro. Ele começa com uma cena bem-humorada de um garoto (interpretado por Macaulay Culkin) tocando guitarra, e logo se transforma em uma sequência de imagens que mostram pessoas de várias etnias, culturas e nacionalidades. Um dos momentos mais marcantes é o efeito de *morphing*, em que rostos de pessoas de diferentes raças e gêneros se transformam uns nos outros — um símbolo visual da união e diversidade humana. No final do clipe (em sua versão completa), há também uma parte mais sombria e polêmica, em que Jackson faz uma dança cheia de energia e raiva, interpretada por alguns como uma manifestação contra a opressão e o preconceito. A crítica tem testemunhado que “a obra de Moacyr Scliar mantém uma impressionante coerência, voltando sempre aos temas fundamentais da alteridade”, “de seus livros brotam lições de sabedoria no combate ao racismo, à intransigência

cultural e a posturas discriminatórias” (Bernd, 2012, p. 25). Por isso, problematizar o clipe nos seus textos seria uma oportunidade louvável de se posicionar contra o racismo a partir da figura emblemática de MJ.



Figura 8. Michael
Fonte: Wikimedia Commons.

CAPÍTULO 3

Lenny Kravitz

A crônica “O aprendizado de Lenny Kravitz” começa com Scliar informando a vida cultural da sua cidade: Kravitz é “o famoso cantor que, depois de ansiosa espera, hoje se apresenta em Porto Alegre” (Scliar, 2017, p. 175). O texto foi publicado originalmente em 15 de março de 2005, no jornal Zero Hora, e posteriormente foi compilado no livro *A nossa frágil condição humana* (2017).

Nesse texto, o escritor gaúcho parte de uma associação entre dois “Kravitz”: o personagem Duddy Kravitz, do romance *O aprendizado de Duddy Kravitz* (de Mordecai Richler), e o cantor Lenny Kravitz. O escritor relembra a história do primeiro — um jovem judeu ambicioso e disposto a tudo para vencer — e faz um paralelo com a trajetória do músico americano, filho de um produtor judeu e de uma atriz negra caribenha. Scliar destaca a singularidade dessa mistura étnica e cultural, símbolo do *melting pot* americano. Ressalta também como Lenny (1964) soube transformar sua diferença — a condição de mestiço em uma sociedade marcada por preconceitos — em força criativa e reconhecimento artístico. O texto termina com uma saudação ao cantor, exaltando-o como símbolo de superação e integração cultural (Scliar, 2017, p. 175-176).

Conhecido por explorar temas ligados à identidade judaica e à mestiçagem cultural, Scliar utiliza a crônica para refletir sobre diversidade e convivência entre etnias. A comparação entre Duddy e Lenny Kravitz é engenhosa: o primeiro representa o esforço individualista e ambicioso para ascender socialmente; o segundo, a síntese harmônica de duas heranças historicamente marginalizadas — a judaica e a negra.



Figura 10. Lenny Kravitz

Fonte: Wikimedia Commons.

A estudiosa Zilá Bernd explica que na obra de Scliar há uma “pedagogia antirracista” que revela o quanto há de irracional na brutalidade com que o racismo se manifesta na sociedade. Ela exemplifica esse viés do escritor mencionando o livro infanto-juvenil *Um sonho no caroço do abacate*, de 1995: “o amor do jovem de origem judaica por uma mulata nucleia a ação e serve de pretexto para o escritor mostrar as diferentes formas através das quais se manifesta o racismo”, o que inclui “piadas de mau gosto em relação a características culturais de negros e judeus”. O médico-escriptor mobiliza sua literatura para assegurar o respeito aos “processos transculturais” pelos quais pessoas de diferentes etnias constroem seus relacionamentos (Bernd, 2012, p. 25, 26).

Doze anos separam a publicação da crônica no jornal e a compilação desta em formato de livro, mas a temática abordada pelo escritor se manteve atual, assim como ainda o é, denotando a *contemporaneidade* de Scliar nos moldes de Agamben.

CAPÍTULO 4

Outros Artistas Pop

No livro *A língua de três pontas* (2001) Moacyr Scliar pratica um profícuo hibridismo, mostrando como a crônica e as citações de pessoas famosas podem conviver harmoniosamente. Nessa obra, cada capítulo traz uma crônica de Scliar e, em seguida, são alocadas as frases que constroem as afirmações do escritor gaúcho. “Falando mal da mídia” é sucedida das seguintes afirmações: “Desde que minha foto esteja na primeira página, não me importo o que escrevam sobre mim” (Mick Jagger) e “Fazer jornalismo com roqueiros significa entrevistar gente que não sabe falar para gente que não sabe ler” (Frank Zappa, roqueiro) (Scliar, 2001, p. 111, 114).

A célebre e controversa afirmação de Frank Zappa — “Fazer jornalismo com roqueiros significa entrevistar gente que não sabe falar para gente que não sabe ler” — apresenta-se como um exemplo de crítica mordaz à superficialidade da comunicação midiática no âmbito da cultura popular. À primeira vista, o enunciado pode ser classificado como grosseiro e elitista, pois estabelece uma generalização depreciativa tanto em relação aos músicos quanto ao público leitor. Entretanto, ao se considerar o contexto e a personalidade artística de Zappa, reconhecido por seu humor corrosivo e pelo uso do sarcasmo como instrumento de reflexão social, percebe-se que a declaração ultrapassa o simples insulto e assume um caráter metacrítico.

Sob uma perspectiva discursiva, a frase revela uma tensão entre cultura erudita e cultura de massa, denunciando o empobrecimento do diálogo mediado pela indústria cultural. Zappa ironiza a espetaculariza-

ção do jornalismo musical e a redução do rock a um produto comercial, esvaziado de conteúdo crítico ou estético. Assim, sua ironia funciona como recurso de denúncia, desmascarando a alienação que se instaura tanto na produção quanto na recepção da arte popular em sociedades de consumo. Portanto, embora o tom da declaração seja deliberadamente ofensivo, seu propósito parece residir menos na grosseria gratuita e mais na provocação intelectual. Ao exagerar no insulto, Zappa força o interlocutor a refletir sobre a autenticidade da comunicação cultural e sobre os limites da linguagem jornalística na representação do universo artístico contemporâneo.

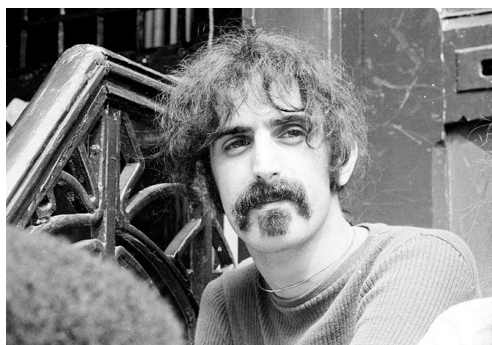


Figura 11. Frank Zappa
Fonte: Wikimedia Commons.

No corpo dessa crônica, o perfil polêmico de Frank Zappa também é lembrado por este atribuir “má qualidade” à imprensa (Scliar, 2001, p. 106). As circunstâncias da morte de Zappa poderiam ser utilizadas por Scliar para explorar as teorias da conspiração que costumam tangenciar a trajetória das celebridades pop. O falecimento desse roqueiro ocorreu em 1993: foi atribuída a um câncer de próstata, mas algumas teorias alternativas circundam a sua partida.

Zappa nunca foi um ídolo das massas, mas sua mente provocadora e seu histórico de confrontar o sistema — político, cultural e musical — levaram alguns a acreditar que ele poderia ter sido silenciado por

forças contrárias à sua postura crítica. Há teorias que sugerem que o músico teria sido alvo de um complô devido às suas críticas à censura e à hipocrisia moral da sociedade norte-americana. Ainda que sem fundamentos concretos, essas narrativas encontram terreno fértil no imaginário de quem vê em Zappa não apenas um músico, mas um símbolo de resistência intelectual.

Nem quando menciona Frank Zappa e nem quando fala de Michael Jackson o cronista gaúcho tece considerações sobre as teorias da conspiração que cerceiam a vida e a morte de cantores famosos, preferindo focar esse aspecto na trajetória de atores e jornalistas muito conhecidos na mídia. No livro *A língua de três pontas*, Scliar dirige o seu olhar para Jean Seeberg (1938-1979), atriz “conhecida como contestadora” que teria sido vítima de diversas ações “estranhas” por parte do FBI (Scliar, 2001, p. 14). Em “Falando mal da mídia”, texto que integra esse mesmo livro, Scliar lembra as circunstâncias da morte do jornalista e revolucionário francês Jean-Paul Marat (1743–1793). Marat, um dos nomes mais intensos da Revolução Francesa, foi assassinado em sua própria casa pela girondina Charlotte Corday, enquanto tomava um banho medicinal (Scliar, 2001, p. 105). A cena — dramática e simbólica — foi imortalizada no quadro *A morte de Marat*, de Jacques-Louis David, transformando o jornalista em uma espécie de mártir político. A partir de então, sua morte passou a ser cercada por versões e interpretações divergentes: para uns, Marat foi uma vítima da contrarrevolução; para outros, um agitador sanguinário que recebeu o que merecia. Ainda no século XVIII, surgiram narrativas simbólicas e conspiratórias em torno de sua morte, muitas delas moldadas por interesses ideológicos — o que não é muito diferente do que ocorre com ídolos modernos.

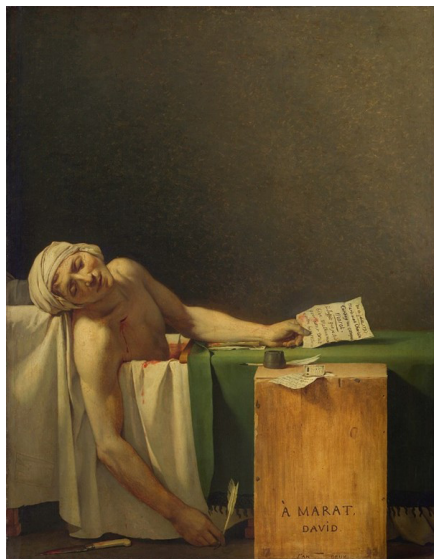


Figura 12. Morte de Marat

Fonte: Wikimedia Commons.

Mesmo quando faz reflexões sobre assuntos tão sérios, Scliar se vale do seu característico humor. Sobre a morte de Marat na banheira, ele pondera: “talvez seja esta a razão pela qual alguns franceses olham o banho com desconfiança” (Scliar, 2001, p. 105). No livro *Pega pra kaputt!*, ele atribui a partida do jornalista francês à desgraça que se evoca quando se empresta um livro a alguém: Marat teria emprestado a obra *O tartufo revolucionário* à Carlota Corday. “Minutos depois, quando tomava banho, foi morto pela própria Carlota, num episódio que a história registra em detalhes como prova dos malefícios causados pelo mau hábito de emprestar livros” (Scliar *et al.*, 2004, p. 12).

O cantor, compositor, escritor e ator Bob Dylan (1941) é outra celebridade pop que comparece nos escritos de Scliar. Em “Falando mal da mídia”, esta declaração é lembrada: “Se eu não falo com a imprensa é porque sou um eremita. Se eu falo com a imprensa é porque quero manipulá-la. Ou seja: perco sempre”. Em “Falando mal do dinheiro”, Scliar

finaliza seu texto inserindo a citação “O dinheiro não fala. Ele xinga”, também de Bob (Scliar, 2001, p. 81, 115). No texto “Falando mal do casamento”, Scliar realiza o que não faz em relação aos demais artistas internacionais: ele cita um fragmento da canção: “Eu gostaria que uma única vez/ você se colocasse no meu lugar/ você descobriria que tormento/ é olhar para você” (Scliar, 2001, p. 138).

O excerto mencionado faz parte da letra da música “Just like a Woman” e é de autoria do próprio Bob Dylan. Membro do *Rock and Roll Hall of Fame* (desde 1988) e considerado uma das figuras mais influentes da música e da literatura do século XX, em 2016 Dylan foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura. Foi a primeira vez que um compositor popular recebeu o Nobel de Literatura, o que gerou grande debate no meio acadêmico e artístico. Falecido em 2011, Scliar não faria parte dos contestadores do Nobel entregue a Bob, pois já tinha enxergado a profundidade e o alcance das suas letras de música.



Figura 13. Bob Dylan
Fonte: Wikimedia Commons.

Essa articulação entre a crônica e as vozes de figuras mundialmente conhecidas revela não apenas o talento de Moacyr Scliar para o diálogo intertextual, mas também sua aguda percepção crítica acerca da

cultura contemporânea. Ao aproximar suas reflexões das falas de artistas como Mick Jagger, Frank Zappa, Bob Dylan e John Lennon, Scliar evidencia como as tensões entre mídia, fama e dinheiro transcendem fronteiras e épocas. Sua escrita, ao mesmo tempo irônica e lúcida, denuncia a superficialidade da exposição midiática e o poder corrosivo do capital sobre os valores humanos e artísticos. O uso dessas citações não é mero ornamento; funciona como espelho e contraponto, ampliando o alcance da crítica e inserindo a crônica brasileira em um diálogo global. Assim, Scliar reafirma o papel do cronista como observador atento do cotidiano e da sociedade, capaz de transformar o comentário leve em reflexão profunda sobre as contradições do mundo moderno.

CAPÍTULO 5

Considerações Finais

Ao longo deste *e-book*, buscou-se demonstrar como Moacyr Scliar, ainda que raramente se debruce sobre a música pop em sua vasta produção, revela, nas poucas ocasiões em que o faz, uma impressionante capacidade de observar o fenômeno das celebridades a partir de uma lente crítica, ética e literária. Conforme apontado na introdução, a obra scliariana é marcada por um olhar atento ao cotidiano, às tensões sociais e às manifestações culturais que refletem o espírito do tempo. Ao trazer figuras como Madonna, Michael Jackson, Lenny Kravitz, Bob Dylan e John Lennon para o universo da crônica, Scliar não apenas amplia o repertório temático do gênero, mas também insere o leitor brasileiro em um diálogo global sobre fama, identidade e poder.

As análises mostraram que o escritor gaúcho, movido por sua formação humanista e médica, enxerga na cultura pop um espaço de revelação das contradições humanas — sejam elas ligadas à exposição midiática, à busca pela autenticidade ou às desigualdades sociais e raciais. Em “O amante da Madonna”, por exemplo, Scliar transforma a figura da artista em espelho do empoderamento feminino e da persistente desigualdade de gênero; em “A hora da verdade”, humaniza Michael Jackson, refletindo sobre a relação entre arte e humanidade; e em “O aprendizado de Lenny Kravitz”, celebra a mestiçagem cultural como força criadora e antídoto contra o preconceito.

Desse modo, pode-se afirmar que, mesmo quando trata de temas aparentemente distantes de seu universo mais recorrente — a medicina, o judaísmo e a vida cotidiana de Porto Alegre —, Scliar mantém intacto

o seu compromisso com a observação crítica e com a valorização da diversidade humana. Sua pena, que alia leveza e profundidade, faz da crônica um espaço de diálogo entre o popular e o erudito, entre o riso e a reflexão.

Assim, este estudo não apenas recupera um aspecto pouco explorado da produção de Scliar, mas também evidencia a atualidade de sua escrita: uma literatura que continua a nos convidar a pensar, com sensibilidade e ironia, sobre o papel das artes — inclusive da música pop — na construção de uma sociedade mais consciente, plural e humana.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. Da utilidade e dos inconvenientes de viver entre espectros. **Serrote**: revista de ensaios, artes visuais, ideias e literatura, São Paulo, n. 6, p. 65-69, nov. 2010.

BARRETO, Rodrigo Ribeiro. **A fabricação do ídolo pop**: a análise textual de videocliques e a construção da imagem de Madonna. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) — Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

BERND, Zilá. Moacyr Scliar, um gaúcho transcultural. In: BERND, Zilá; MOREIRA, Maria Eunice; MELLO, Ana Maria Lisboa de (org.). **Tributo a Moacyr Scliar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 23-26. (Série Memória das Letras, 24).

REVISTA GALILEU ESPECIAL. O que eles acham: pesquisadores, escritores, artistas e outras personalidades comentam o que pensam da astrologia. **Revista Galileu Especial**, Rio de Janeiro: Editora Globo, p. 54-57, maio 2003.

SCLiar, Moacyr. **A banda na garagem**. Organização de Regina Zilberman. Porto Alegre: Edelbra, 2014.

SCLiar, Moacyr. **A face oculta**: inusitadas e reveladoras histórias da medicina. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

SCLiar, Moacyr. **A língua de três pontas**: crônicas e citações sobre a arte de falar mal. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

SCLIAR, Moacyr. **A massagista japonesa**. Porto Alegre: L&PM, 1984. (Coleção RBS).

SCLIAR, Moacyr. **A nossa frágil condição humana**: crônicas judaicas. Organização e prefácio de Regina Zilberman. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCLIAR, Moacyr. **Histórias para (quase) todos os gostos**. 4. ed. Porto Alegre: L&PM, 2010.

SCLIAR, Moacyr. **Madonna e a Cabala**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/artigos/madonna-e-cabala>. Acesso em: 12 set. 2025.

SCLIAR, Moacyr. **A hora da verdade**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2009/11/moacyr-scliar-a-hora-da-verdade-cjpn08jic015vaqcn05b1btpw.html>. Acesso em: 12 set. 2025.

SCLIAR, Moacyr. **Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar**. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 1996. (Coleção A leitura é uma aventura).

SCLIAR, Moacyr. **O olhar médico**: crônicas de medicina e saúde. São Paulo: Ágora, 2005.

SCLIAR, Moacyr. Os namorados da filha. In: WERNECK, Humberto (org.). **Boa companhia**: crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 205-206.

SCLIAR, Moacyr; GUIMARÃES, Josué; VERÍSSIMO, Luis Fernando; VASQUES, Edgar. **Pega pra Kapput!**. Porto Alegre: L&PM, 2004.

SCLIAR, Moacyr. **Porto de histórias**: mistérios e crepúsculos de Porto Alegre. Rio de Janeiro: Record, 2000. (Coleção Metrôpoles).

SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos trópicos**: a melancolia europeia chega ao Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCLIAR, Moacyr. **Território da emoção**: crônicas de medicina e saúde. Organização e prefácio de Regina Zilberman. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ZILBERMAN, Regina. Cronista e leitor. *In*: SCLIAR, Moacyr. **A poesia das coisas simples**: crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 9-17.

ZILBERMAN, Regina. Leitura prazerosa sobre a saúde. *In*: ZILBERMAN, Regina (org.). **Território da emoção**: crônicas de medicina e saúde. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 9-18.

ZILBERMAN, Regina. Do Bom Fim para o mundo: entrevista com Moacyr Scliar. **WebMosaica**: revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 116-120, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/webmosaica/article/view/11987>. Acesso em: 2 out. 2025.

SOBRE OS AUTORES

Lemuel de Faria Diniz é Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo. É professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), desde 2012.

Renata dos Santos de Freitas é acadêmica de Letras, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Câmpus de Coxim. Pesquisadora no PIBIC/UFMS.



Título	Celebridades da música pop nas crônicas de moacyr sciar
Formato	14 x 21 cm
Tipografia	Minion Pro e Korolev
Licença	CC BY-NC-SA



Este livro, produzido pela Editora UFMS, é financiado com recursos públicos e tem como finalidade a ampliação do acesso ao conhecimento. A obra está alinhada ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 (ODS 4 – Educação de Qualidade), ao promover uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade, com a participação de docentes e discentes. Ademais, contribui para a preservação ambiental, ao favorecer a redução do uso de papel e da pegada de carbono.

Publicado on-line em: <https://repositorio.ufms.br>

Campo Grande
20°29'44.3"S 54°36'48.7"W
Feito no Brasil
2026

Onde a literatura de Scliar encontra o ritmo e o compasso.

Membro da Academia Brasileira de Letras e vencedor de quatro Prêmios Jabuti, Moacyr Scliar é um dos autores mais traduzidos e lidos do país. Mas qual o papel da música em sua vasta produção literária?

Esta pesquisa inédita investiga a presença da canção e da estética pop na cronística scliariana. Cruzando referências que vão da tradição regional gaúcha às irreverências contemporâneas, o livro resgata textos raros do universo digital e convida o leitor a redescobrir o olhar humanista e bem-humorado do médico e escritor através de uma nova e surpreendente melodia.

ISBN 978-85-7613-818-1



9 788576 138181